

Índice

1.	
It's Raining Violets	11
Going to the Movies	31
2.	
Um Lugar lentamente Triste	51
As Pegadas	61
3.	
As Asas	73
As Beladonas	81
Os Monstros	89

It's Raining Violets

1

Ela era loura. O vestido tinha de ser azul.

Ele lembrou-se de uma das suas primeiras histórias. Uma jovem *taxi-dancer* tinha um encontro com um desconhecido por quem estava apaixonada. Ele devia trazer uma flor na lapela, ela usava um vestido verde; a sua melhor amiga, uma ruiva, também estava de verde, um tom mais escuro. As luzes verde-azuladas do clube criavam um efeito enganador e, quando um homem lhe perguntou de que cor era o seu vestido, ela só reparou que não trazia uma pequena flor branca no casaco e disse azul.

Há muito tempo que não entrava num clube noturno. Lembrou-se do filme de Barbara Stanwyck, do seu rosto redondo e juvenil e do vestido decotado. *All you need is a ticket / Come on, big boy, ten cents a dance!* Os homens compravam alguns bilhetes à entrada e escolhiam uma rapariga a quem davam um; ela rasgava-o em dois. Numa das suas histórias, a rapari-

ga fugia de um assassino e deixava cair metades de bilhetes, como pedacinhos de pão, ao longo das ruas escurecidas; o seu namorado detetive seguia o rasto e chegava mesmo a tempo de a salvar. Não tinha a certeza se escrevera a história ou se se limitara a imaginá-la. É o que acontece quando começamos a escrever um conto ao anoitecer e o acabamos de madrugada e nem pensamos em relê-lo.

A sua *deadline* de madrugada. Uma alegria calma ao ver o Sol ou simplesmente a luz a entrar pela janela, como se despertasse de um pesadelo. Lembrou-se de uma cadela que tivera quando era criança; ela dormia sobre os seus pés e por vezes tinha pesadelos e gania; ele movia os pés e falava com ela: “Eu estou aqui.” Por vezes desejava ter uma rapariga no quarto ao amanhecer que lhe dissesse: “Eu estou aqui, foi só um pesadelo.”

De vez em quando saía à noite, para comprar *whisky* ou cigarros, ou só para um passeio. Gostava de ir ao cinema, mas o último filme que vira, a adaptação de um dos seus romances, deixara uma impressão terrível.

Não era um livro qualquer. Estivera a preparar-se para ele a vida inteira.

Na primeira versão da história, a rapariga já era *angel face*. Era assim que o marido a tratava. Ele dizia que ela não tinha nada na cabeça, mas o exterior era um encanto. Um dia a rapariga descobriu que ele ia deixá-la por outra mulher e foi procurá-la. Quando a outra foi assassinada, *angel face* teve de provar a inocência do marido. Na segunda versão, a rapariga era mais velha, mais experiente, trabalhara em todo o género de clubes noturnos para dar um lar ao irmão mais novo e o impedir de se juntar a um bando de criminosos. E ele apaixonava-se por uma mulher que era encontrada morta... Esse conto dera origem a

um filme de série B com uma jovem atriz que era agora muito conhecida. Vira-o uma noite; não era uma obra-prima, mas não esperava que o fosse.

Quando começou a escrever o romance, sabia que dessa vez era a sério. Conseguia finalmente vê-la — o rosto dela quando tinha dezanove anos. E, quando a viu, apaixonou-se outra vez. Não estava nos seus planos, mas algures no livro contava a história do seu primeiro amor. Jeannie era linda e tudo ficava em silêncio quando entrava num lugar. Tinham sido felizes, havia beijos e um banco perto de uma capela onde costumavam encontrar-se; até à noite em que foram a um baile, ela usava um vestido preto e um colar de pérolas, e algo terrível aconteceu.

Sentia-se desfeito quando escreveu a última página do livro. Era cruel, mas não o podia evitar. A rapariga era deixada sozinha no escuro, embora houvesse alguém ao seu lado que dizia “foi só um sonho”: “*Angel face*, foi só um sonho mau.”

Quando vendeu os direitos para a adaptação cinematográfica, estava cheio de medo. Gostaria de pedir-lhes para terem cuidado, para caminharem suavemente. Mas não podia fazer isso, eles pagavam bem, e precisava de dinheiro.

Ninguém lhe enviou um bilhete para a estreia, mas normalmente não o faziam. Viu o póster num cinema próximo, a atriz era bonita, embora não fosse “ela”. Mas como poderia ser? E gostava de um dos atores.

Uma noite, começou a chover quando passava em frente do cinema. Como Wakefield, pensou que era um sinal. Os primeiros minutos deixaram-no indiferente, mas depois foi como cair num pesadelo. Nem sequer o anjo do título era o mesmo. O protagonista era a fusão de duas das suas personagens e podia viver com isso. Mas não com o que tinham feito à “sua” rapa-

riga. A rapariga frágil que não sabia nada da vida além do que aprendera nos filmes e a sua descida aos infernos tinham desaparecido por completo. Não queria acreditar quando a viu, num elegante vestido preto, começar a cantar. Uma esposa honesta que não era vulnerável a paixões ou a degradação, que acabava tão inteira e intocada como antes de tudo começar. Ele estava no meio do escuro, não havia muitas pessoas no cinema, e ninguém podia ouvi-lo dizer: “Onde estás, meu amor? O que fizeram contigo?” E era como se a tivesse perdido uma segunda vez.

Nos dias seguintes, não saiu do hotel. Deixou-se ficar na cama com uma garrafa de *whisky* e alguns velhos números da *Ellery Queen Mystery Magazine* — recebia a revista todos os meses e mal olhava para as capas, tinha medo de encontrar as suas histórias. Mas, embora todos parecessem acreditar que estava sempre deprimido, havia aquela alegria calma que vinha de lugar nenhum, e uma manhã não foi o sol mas os flocos de neve no parapeito da janela — adormecera com a janela aberta — que o fizeram recordar que tudo não passava de um sonho. Tomou um duche, vestiu roupa quente e saiu para tomar café e comer uma fatia de tarte de lima no bar do outro lado da rua.

O filme era horrível, mas pelo menos a sua conta bancária estaria equilibrada durante algum tempo. Não dormir num banco de rua e tomar café todas as manhãs já era bom. Pensou na história que começara dias antes. Um homem cuja profissão era executar pessoas com a bênção do Estado e tinha uma vida normal, numa casa acolhedora, com um jardim cheio de cravos. E a jovem prostituta que vendia os seus vestidos, os casacos e as joias, para tentar salvar um homem que nem acreditava que ela o amasse. A rapariga que, com um vestido modesto, o cabelo puxado para trás, fingia ser uma vendedora de flores

que plantava cravos vermelhos, os cravos mais vermelhos que o velho carrasco vira alguma vez. Tinha de encontrar um fim para a história; pensaria nalguma coisa.

Havia uma outra história, uma história importante, que tomava forma na sua mente. As imagens são tudo o que temos, e ele tinha de recuperar a imagem de Jeannie. Não importava o que perdera na vida, nunca desistiria do amor.

Era uma noite como qualquer outra, a neve derreteria e havia de novo estrelas, não estrelas que o espiavam ameaçadoras, mas estrelas próximas e amigáveis.

Caminhou durante algum tempo, até encontrar um clube noturno. As luzes de néon e um nome que o fez sorrir, lembrar-se-ia dele para uma história, a música que chegava à rua e era amigável também.

Comprou alguns bilhetes à entrada. A sensação de que a vida era simples, *all that you need is a ticket*. E um pouco de sorte.

As luzes tornavam tudo irreal, as luzes flutuantes que transformavam o azul em verde e o verde em azul. Foi até ao bar e pediu um *whisky*.

A orquestra era boa demais para aquele lugar, estavam a tocar velhas canções de que ainda se lembrava. Havia só alguns pares na pista de dança, deslizando de forma mecânica, como que adormecidos.

Havia uma rapariga ruiva, tinha de haver uma; o vestido não era verde, mas preto. Quase todas as dançarinas vestiam de preto. Então reparou na rapariga junto da coluna, sozinha, o corpo movendo-se suavemente ao som da música. Não podia trabalhar ali há muito tempo, pensou, se ainda ouvia a música. Era esbelta, o cabelo louro estava preso atrás, tinha brincos compridos e um sinal, provavelmente falso, perto do olho esquerdo.